

A indexação volta a preocupar

Cynthia Malta
de São Paulo

Economistas concordam que a economia está mais indexada do que o recomendável — tarifas de energia elétrica, de telefonia e até salários — e isso pode retardar ainda mais a queda da inflação. Mas há divergências sobre se o melhor a fazer é manter o juro alto ou rever os contratos com as empresas privatizadas.

“É preciso retirar a indexação da economia”, diz o economista e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, Antônio Corrêa de Lacerda. “Essa visão monetarista do Banco Central, de que se resolve com juro alto, é equivocada”, afirma.

Corrêa de Lacerda concorda com o ex-ministro e professor da Fundação Getúlio Vargas, Luiz Carlos Bresser Pereira, que defende a redução imediata do juro. Em artigo publicado ontem no jornal Folha de S. Paulo, Bresser Pereira afirma que o governo Fernando Henrique Cardoso errou, quando, além de manter algumas indexações no setor financeiro, aceitou a indexação dos preços dos serviços públicos que estava privatizando.

No momento, diz o ex-ministro, a indexação chega aos trabalhadores, que estão obtendo reajustes próximos à inflação passada. Bresser Pereira propõe “renegociar contratos com as empresas privadas e eliminar de-

les toda e qualquer indexação.”

O ex-presidente do Banco Central e sócio-diretor da Tendências Consultoria, Gustavo Loyola, discorda. “Até concordo que há inércia contratual, mas isso não significa que o BC tenha que afrouxar a política monetária. Mudar contratos gera incertezas”, disse.

“Sempre fui contra colocar IGP-M como indexador de contratos. Mas infelizmente está feito e contrato tem que ser cumprido.” Loyola está preocupado com os reajustes salariais que vêm sendo obtidos pelos trabalhadores da indústria e com as pressões políticas sobre o BC, que podem acabar retardando a queda do juro.